

Os Níveis de Inclusão Digital dos Professores de Química da Região Metropolitana de Goiânia.

Thiago Cardoso de Deus^{1*} (PQ), Marlon Herbert Flora Barbosa² (PQ). thiagocdeus@yahoo.com.br

1 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Uruaçu.

2- Instituto de Química - Universidade Federal de Goiás.

Palavras-Chave: Inclusão Digital, TIC.

Introdução e Metodologia

Em uma perspectiva contemporânea, a Inclusão digital vem sendo entendida como a aquisição de competências básicas para utilizar o computador na perspectiva de usuário consumidor de bens e serviços e informações¹.

Esta ótica não explora o verdadeiro potencial das novas tecnologias, como instrumento da dinâmica social, capaz de promover o surgimento de uma cultura própria, na qual os “incluídos” possuem habilidades necessárias para circular não só como consumidores, mas como participantes ativos na construção dessa cultura.

Os “incluídos”, na perspectiva contemporânea, não são capazes de acompanhar a evolução das tecnologias e, em pouco tempo se tornam excluídos.

Durante os cursos de graduação, o contato com as tecnologias da informação e comunicação apenas para cumprir exigências das disciplinas, executando funções meramente mecânicas, como a construção de gráficos, tabelas ou utilização de programas de construção de moléculas em versões anteriores. Funções que o inserem parcialmente nas novas tecnologias.

Considerando-se estes aspectos, realizou-se uma pesquisa com a participação de 34 professores de química licenciados, que ministravam aulas na rede estadual e/ou privada de ensino da região metropolitana de Goiânia.

Utilizou-se para a coleta de dados: o questionário semi-aberto e a entrevista, para dirimir eventuais dúvidas do questionário, contendo perguntas fechadas e abertas.

Resultados e Discussão

Considerando-se as respostas do questionário, das entrevistas e do referencial bibliográfico, podem-se propor novos níveis de inclusão, pois a literatura vigente ou considera o cidadão incluído, ou excluído. Essa divisão simplista dificulta a análise mais profunda dessas relações. A seguir colocamos nossa contribuição em termos de níveis de inclusão.

Nível 1 – Não incluído. Nesse nível, o professor não tem contato com o computador. Não o usa, nem o liga. O acesso às novas tecnologias se dá nas agências bancárias ou aparelhos eletrônicos.

Nível 2 – Iniciante. Nesse nível o professor tem dificuldade em ligar o computador, acessar os programas e conectar a internet. Esse professor

nunca utiliza o computador em sala de aula e apresenta uma forte resistência em iniciar um processo de inclusão e acredita que não conseguirá aprender sobre informática. A utilização é restrita aos editores de texto e alguns jogos simples.

Nível 3 – Básico. O professor nesse nível é capaz apenas de executar tarefas básicas como ligar o computador, acessar a internet, digitar textos, planilhas e editores de apresentação. Ele não utiliza o computador em sala de aula e não vê outra função para o computador a não ser a pesquisa.

Nível 4 – Intermediário. Além das funções básicas, o professor também consegue fazer gráficos, planilhas, executar programas de modelagem química. A “pesquisa” ainda continua sendo o foco principal, mas esses profissionais conseguem buscar softwares na internet. O professor nesse nível começa a incluir seu aluno.

Nível 5 – Avançado. Nesse nível o professor também é capaz de trabalhar com pelo um tipo de linguagem de programação, elaborando softwares, de acordo com a necessidade de seus alunos. Ele usa constantemente o computador em sala de aula e consegue executar com competência o processo de inclusão de seus alunos.

Nível 6 – *Expert*. Nesse nível o professor domina a máquina, consegue acessar o SETUP da placa mãe, alterando as configurações que achar necessário, entende mais de um tipo de linguagem de programação, é capaz de montar um computador, pois conhece os itens de *Hardware*. O professor sabe explorar as diferentes estratégias de inclusão e consegue introduzir gradualmente seu aluno nas TICs, em especial o computador, respeitando o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Conclusões

Grande parte dos professores pesquisados (80%) encontra-se no Nível 3 – Básico. Torna-se necessário uma série de iniciativas tais como agregar a informática à formação do professor, considerar a informática nos cursos de formação continuada, associar o processo de inclusão à realidade da comunidade em que o professor esta inserido, disponibilizar cursos presenciais de inclusão à distância de professores, entre outras.

Tais iniciativas ajudariam a romper com o paradigma existente entre o professor e as novas tecnologias, em especial o computador.

1 Bonilla, M. H. **Inclusão digital** e formação de professores. Revista de **Educação**, Lisboa, v. XI, n. 1, 2002, p. 43-50.

2 BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação, 1999.